

## HISTÓRIA E MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO DE UM CADERNO ESCOLAR DO ANO DE 1962

## HISTORIA Y MEMORIA: UN ESTUDIO SOBRE EL DISCURSO DE UN CUADERNO DE ESCUELA DEL AÑO DE 1962

Carolina Piovesan<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é analisar os efeitos de sentidos a partir da história e memória do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, na Quarta Colônia, região de imigração italiana do Rio Grande do Sul. Para isso, apresentarei uma reflexão a partir da análise de um caderno escolar do ano de 1962, pertencente a um aluno da região da Quarta Colônia/RS. A partir do corpus de estudo, destacarei o funcionamento dos efeitos da memória e da história. A perspectiva teórica que permeia a escritura do trabalho é a História das Ideias Linguísticas (HIL) relacionada com a Análise do Discurso (AD). Como resultado principal, pontuo a importância do papel dessas noções teóricas (história e memória) para o processo de produção de conhecimento sobre o ensino de Língua Portuguesa, em uma região do interior do Rio Grande do Sul.

**Palavras-chave:** Discurso. História. Memória.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es analizar los efectos de los significados de la historia y la memoria de la enseñanza y el aprendizaje de la lengua portuguesa, en la Quarta Colônia, región de inmigración italiana del Rio Grande do Sul. Para esto, presentaré una reflexión del análisis de un cuaderno escolar del año 1962, perteneciente a un alumno de la región de la Quarta Colônia/RS. Del corpus de estudio, destacaré el funcionamiento de los efectos de la memoria y la historia. La perspectiva teórica que impregna la redacción del trabajo es la Historia de las Ideas Lingüísticas (HIL) relacionada con el Análisis del Discurso (AD). Como resultado principal, señalo la importancia del papel de estas nociones teóricas (historia y memoria) para el proceso de producción de conocimiento sobre la enseñanza del idioma portugués, en una región del interior de Rio Grande do Sul.

**Palabras -clave:** Discurso. Historia. Memoria.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho desenvolveu-se a partir de leituras e pesquisas feitas para o andamento de meu projeto de dissertação, que também trabalha com as questões de ensino na região da Quarta Colônia/RS. O motivo por esse estudo se faz presente pelo interesse em conhecer o ensino da disciplina em uma região com influências da Língua Italiana. Essa região localiza-se na região central do Rio Grande do Sul e reúne atualmente cerca de nove cidades. O nome do território foi definido desse modo por ser a quarta área que, no século XIX, recebeu famílias de imigrantes oriundos da Itália. Em uma nova área os imigrantes construíram suas vidas, onde até hoje vivem seus descendentes que em sua maioria continua cultivando a cultura e os costumes dos seus antepassados.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras - Estudos Linguísticos pelo programa de Pós- Graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: [carolinapiovesan@hotmail.com](mailto:carolinapiovesan@hotmail.com)

Ao longo deste texto, proponho versar sobre a importância dos efeitos de sentidos a partir da história e memória do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, na região de imigração italiana do Rio Grande do Sul. Por isso, o objetivo principal é discutir a relevância dos efeitos desses conceitos teóricos. No andamento deste texto, apresento uma reflexão a partir da análise de um caderno escolar do ano de 1962, pertencente a um aluno da região da Quarta Colônia/RS. A partir do objeto de estudo, tentarei mostrar o funcionamento dos efeitos da memória e da história.

O presente artigo divide-se cinco partes. Primeiramente, apresentarei algumas considerações sobre história e memória pela perspectiva da Análise do Discurso em consonância com a História das Ideias Linguísticas. Após, descreverei algumas das análises feitas do caderno escolar de 1962. Também, considero relevante discutir o ensino tradicional gramatical constatado na época. Por fim, as considerações finais.

## **HISTÓRIA E MEMÓRIA**

A perspectiva teórica que permeia essa reflexão ancora-se na História das Ideias Linguísticas (HIL) relacionada com a Análise do Discurso (AD), de linha francesa pecheuxiana. Dessa forma, apresentarei algumas considerações sobre os dispositivos teóricos constituídos pelos conceitos dos princípios da análise do discurso, a saber, a noção de história e a noção de memória. É importante destacar que o dispositivo teórico da interpretação se distingue do dispositivo analítico, conforme Orlandi (2009, pg. 27): “o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”.

Para esse estudo, na perspectiva discursiva, considero a língua, não como um sistema fechado, mas a base material do discurso, que inscreve-se na história produzindo sentidos. Na AD não podemos deixar de considerar o discurso e sua relação com as condições de produção sócio-histórico e ideológico que o determinam. Segundo Orlandi (2015), os sentidos se constituem pela inscrição da língua na história, e os sujeitos, pela ideologia. Para Orlandi (2015), ideologia, nos estudos do discurso, não é considerada como ocultação de ideias, mas é a responsável pelo efeito de evidência dos sentidos.

Dessa forma, ao considerar as práticas discursivas do caderno escolar, estarei atentando para a história do ensino da língua e seus efeitos de sentidos. Sendo que história, a partir da perspectiva situada, não é contexto, como algo que está de fora. Não a definimos como uma ordenação de acontecimentos, no qual há uma simples cronologia e evolução dos fatos. A história, em sua relação com a linguagem, se define por produzir sentidos e estar ligada às práticas sociais, conforme diz Ferreira (2003, p. 17) “Para a AD, todo fato ou acontecimento histórico significa, precisa ser interpretado, e é pelo discurso que a história deixa de ser apenas evolução”. Nesta perspectiva também trabalha-se com a noção de historicidade, modo como a história se inscreve no discurso. Esse conceito, segundo Orlandi (2006, p.

22), “são meandros do texto, o seu acontecimento como discurso, seu funcionamento, o trabalho dos sentidos nele [...] trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos”. Tendo em vista que será analisado um caderno escolar do ano de 1962, a história será de extrema importância para a partir dos gestos interpretativos, produzir sentidos, por exemplo, em relação ao porquê de tais sujeitos-professores se inscreverem em determinadas formações discursivas e não em outras.

Outro conceito da AD, fundamental para a pesquisa, que propus refletir é a questão da memória dos dizeres. Para Pêcheux (2009 [1988]), o discurso é entendido como efeitos de sentidos entre os interlocutores. Desse modo, será preciso compreender como os sentidos dos discursos do caderno escolar funcionam na memória discursiva. Conceito esse que para Orlandi (2006, p.21) “é trabalhada pela noção de interdiscurso: ‘algo fala antes, em outro lugar e independentemente’. Trata-se do que chamamos saber discursivo. É o já dito que constitui todo o dizer.” Assim, a memória discursiva é constituída pelo esquecimento, ou seja, temos a ilusão de sermos a origem do que dizemos, mas, na verdade, nossos dizeres já foram ditos e esquecidos ao longo do tempo. O que nos faz pensar que todos os nossos dizeres, supostamente, já passados, se atualizam nos discursos a partir da memória. Dessa forma, meu interesse será observar através no caderno escolar como a memória discursiva do ensino de Língua Portuguesa na época e na região em questão se apresenta, constituindo as práticas, dos sujeitos professores, que (re)produzem sentidos.

Desse modo, ao longo deste texto, proponho a reflexão da memória que ressoa em um caderno escolar do ano de 1962, de um aluno da região da Quarta Colônia, ou seja, investigar que repetições discursivas se produzem. A partir dos estudos de Pêcheux (2009 [1988]), foi desenvolvido a noção de pré-construído, esta que nos permite compreender que todo discurso é produzido anteriormente pelos sujeitos. Assim, essa noção nos mostra de que forma pode ocorrer a repetibilidade. Conforme Indursky (2011, p. 70): “a noção de repetibilidade permite observar que os saberes pré- existem ao discurso do sujeito.” Conceitos esses essenciais para a noção de memória da AD. É importante destacar que memória, para a AD, não é de natureza cognitiva, ligada às questões de lembranças, mas, é tratada como social. Ainda segundo a autora (2011, p. 71), “[...] se há repetição é porque há retomada/regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social [...] São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados.” Por isso, a memória precisa ser social para que possa haver retomadas.

Em síntese, destaco que “quando tratamos de memória, estamos tratando, então, de acontecimentos e práticas do passado que sempre podem retomar e (re)significar no presente” (CERVO, 2012, p. 38). Desse modo, a partir das análises a seguir, poderemos observar o funcionamento da memória.

## ALGUMAS REFLEXÕES E ANÁLISES

O primeiro movimento analítico tem como corpus de análise um caderno escolar do ano de 1962, pertencente a um aluno que estudou na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana. O material concedido para estudo tem como características atividades de Língua Portuguesa e Matemática, pois é um caderno referente aos primeiros anos iniciais de ensino. O objeto de análise são os exercícios de Língua Portuguesa, já que o objetivo é investigar algumas das características do ensino e aprendizagem dessa disciplina na região em questão.

Faz-se necessário aqui, apresentar uma breve historicização da disciplina de Língua Portuguesa nas primeiras décadas do século XX até a de 1960, que conforme Soares (2004), foi incluída tardiamente no currículo escolar brasileiro. Foi somente nas últimas décadas do século XIX, que a disciplina progrediu, principalmente, como afirma a autora, a partir da perda do valor do latim, que passou a ser excluído do sistema de ensino. Durante as primeiras quatro décadas do século XX, a disciplina, conforme previa o decreto de 1931, tinha como característica o ensino de gramática, retórica e poética para alunos economicamente privilegiados, os únicos a terem acesso às escolas. O principal objetivo da disciplina era falar e escrever bem. Em Soares (2004), só a partir de 1950 que o português começou a mudar seu conteúdo, assim também como o perfil dos alunos. Com a democratização do ensino, o direito à escolarização passou a ser para todos.

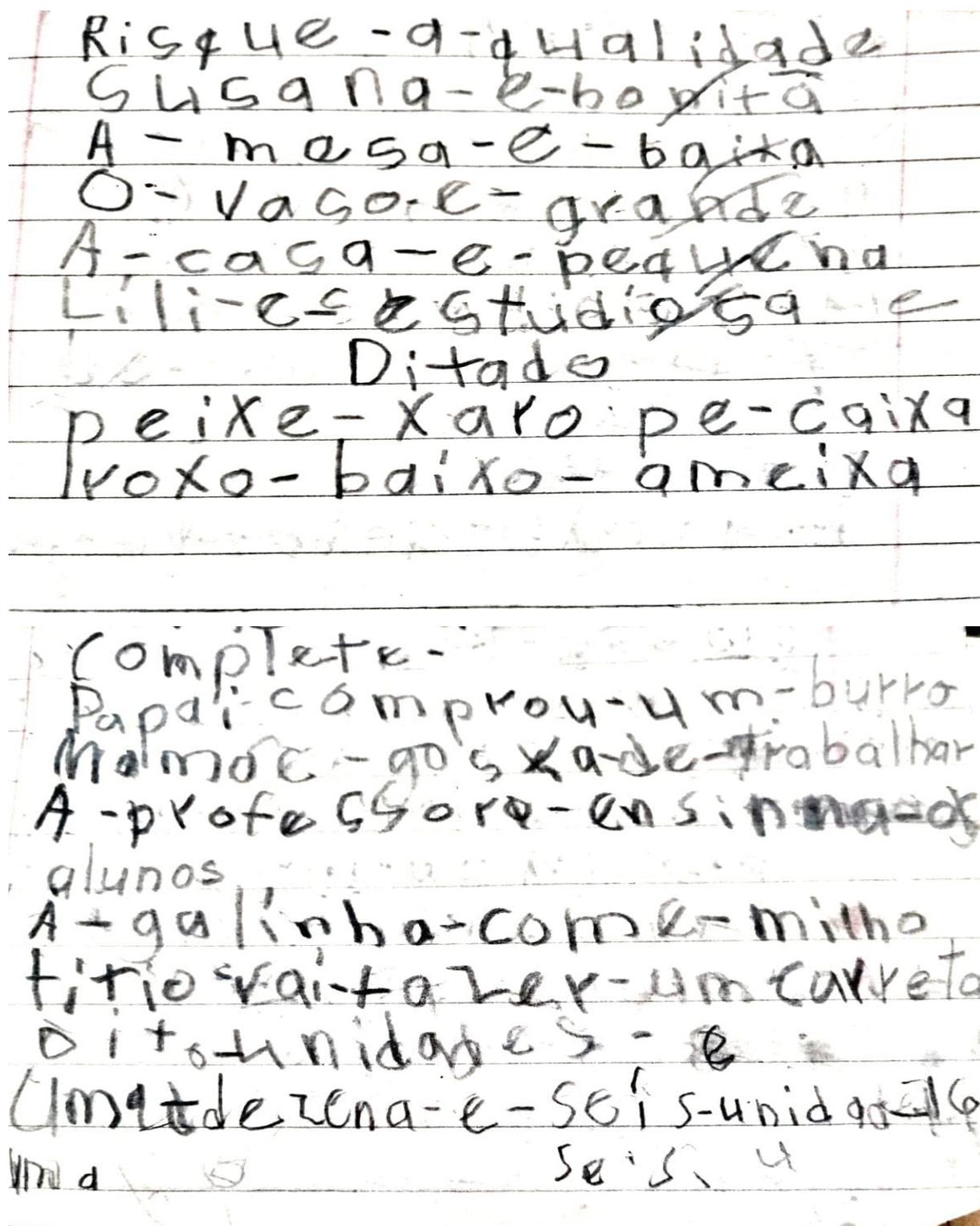
A disciplina de Português obteve algumas alterações, pois o Ministério da Educação estabeleceu os programas mínimos para o ensino, visando a adequação do currículo às condições possíveis. Segundo Buzen (2011), a programação oficial de 1951 prescrevia que as aulas de português deveriam ter interpretações de textos, exercícios de linguagem oral, questões gramaticais, vocabulário e redação, ou seja, estudar-se-ia gramática a partir de texto e vice-versa. Para o autor, esse programa priorizava exercícios de gramática e textos literários. Nesse contexto é que começam a aparecer os manuais didáticos. Já não se usa a gramática separada dos textos, assim tópicos gramaticais, textos e exercícios passam a constituir um só livro.

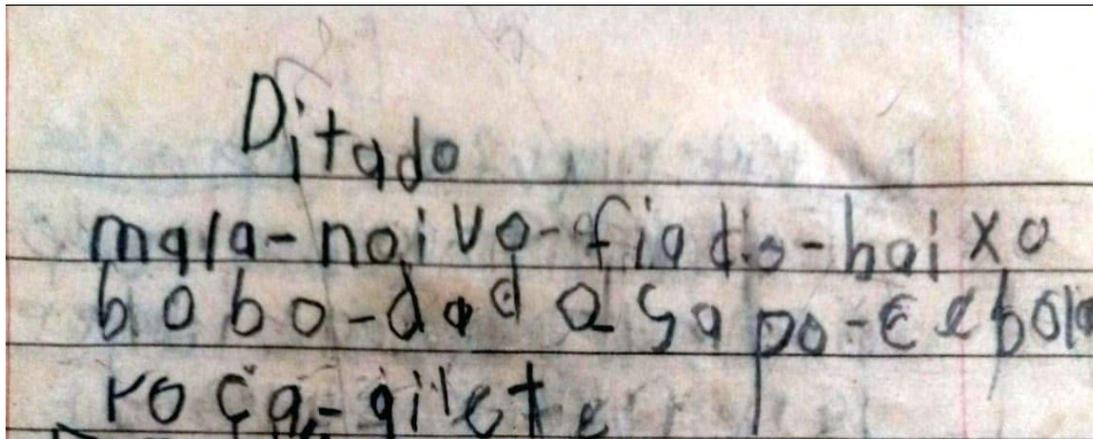
No material analisado, o caderno escolar, pode-se observar a primazia da gramática, com atividades que somente visam o desenvolvimento da escrita correta, por exemplo, os ditados. Também é bastante presente atividades de completar e exercícios de identificação em frases descontextualizadas, que pregam, somente e principalmente, o maior conhecimento de vocabulários possíveis. Em nenhum momento observa-se atividades de interpretação a partir da leitura de textos literários, por exemplo.

Ao observar na figura 1 o comando da atividade do professor: “Risque a qualidade”, nota-se que esse exercício possui frases soltas vindas de nenhum texto, em que o aluno meramente precisa identificar o que se pede, sem refletir muito sobre o que precisa realizar. Como o próprio exercício pede, o aluno irá somente “riscar”. Uma proposta de adaptação, seria trocar no comando “risque” por “Invente a

qualidade". Desse modo, o aluno teria oportunidade de pensar para compreender o que é realmente uma qualidade.

Figura 01 – Algumas das atividades do caderno escolar





Fonte: Arquivo próprio

Sendo assim, o ensino a partir de texto, como é previsto na reforma curricular de 1951, é deixado de lado. A partir desta constatação, percebe-se que nos discursos do caderno a memória que ressoa é a da tradição gramatical. Desse modo, “todo dizer se acompanha de um dizer já dito” (ORLANDI, 2006, p.22). Assim, a partir dos efeitos da memória discursiva, considera-se que a gramática persiste tanto nos primeiros anos do século XX, como após às mudanças no ensino da disciplina de Português, inclusive, em alguns casos, depois do surgimento das ideias linguísticas no Brasil. Essa persistente primazia da gramática talvez se dê pela força da tradição que ocorria desde os tempos em que os jesuítas dominavam o ensino no Brasil. Tudo isso nos revela que a memória do ensino gramatical sempre esteve perpassando pelo ensino da Língua Portuguesa.

Para Orlandi (2006, p.21) “quando enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer. Mas são formulações já feitas e esquecidas.” Assim, a memória discursiva é constituída pelo esquecimento. Ao tomar como exemplo a palavra gramática e ensino de Língua Portuguesa, não sabe-se o número de vezes que elas foram mencionadas em diferentes condições de produção, que conseqüentemente as fizeram significar de modos distintos.

Compreende-se também que a história, que possibilita a historicização inscrita nos saberes/dizeres sobre o ensino de Língua Portuguesa, produz efeitos de sentidos que, por exemplo, nos fazem refletir o porquê de atualmente o ensino da gramatical, muitas vezes, continuar sendo a mais privilegiada no cenário escolar. Pois, conforme Orlandi (1996), a história refere-se à filiação de sentidos, ao modo como os fatos são analisados e interpretados.

Outro conceito da Análise do Discurso, ainda não mencionado no texto, mas que se faz possível refletir a partir da análise do caderno escolar, é a noção de formação discursiva, que segundo Pêcheux (2009[1988], p.160) é “aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito.” Assim, os dizeres recebem sentidos a partir

da formação discursiva na qual são produzidos, e a formação discursiva é a que determina as posições-sujeitos em que se inserem. Desse modo, o professor, que determinou as atividades do caderno, ao se colocar na posição de sujeito que ensina somente através dos conteúdos gramaticais se inscreve na formação discursiva do ensino gramatical tradicional, provavelmente por não receber nenhuma instrução de como fazer o ensino ser diferente do que vinha sendo feito na época.

## A MEMÓRIA E HISTÓRIA DO ENSINO TRADICIONAL

É interessante perceber que desde muitos anos o ensino tradicional da Língua Portuguesa está presente no cenário escolar, como mencionado acima, até após o surgimento das ideias linguísticas, que teve como propósito uma proposta de mudança da concepção de linguagem e de ensino de língua. Certamente, a programação oficial de 1951, que prescrevia que as aulas de português precisavam conter questões gramaticais e também interpretações de textos de leitura, tentou adequar o ensino, fazendo com que ele estivesse mais atrelado, por exemplo, à leitura de textos literários, mas não houve muitas mudanças, pois o ensino de gramática sempre se sobressaiu, como o caderno analisado nos confirma. Assim, o objetivo do ensino continuou sendo fundamentada na boa escrita através do conhecimento pela gramática.

Mudanças a respeito do ensino da Língua Portuguesa começam a aparecer ao final da década de 1970 e início da década de 1980, quando o Estado intervém no currículo escolar trazendo conhecimentos sobre a teoria da comunicação associados ao conteúdo da disciplina, o que resultou na matéria denominada, na época, *Comunicação e Expressão*. Outro fator importante a alterar a posição dos saberes tradicionais, no país, foi a elaboração de documentos oficiais como os *Guias curriculares para o ensino de 1º grau* e os *Subsídios para a implementação do guia curricular de língua portuguesa para o 1º Grau*, realizados com o auxílio de linguistas. Esses documentos marcam o processo de divulgação de estudos linguísticos modernos atrelados ao ensino de Língua Portuguesa, contribuindo para a diminuição do valor dada aos ensinamentos tradicionais (PIETRI, 2012).

Apesar disso, a ciência linguística lutou anos para se consolidar como a ciência da linguagem no país. Ainda com a presença da Linguística nos currículos dos cursos de Letras desde 1960, os professores continuavam sendo formados nos moldes do ensino tradicional, o que acabou gerando grandes dificuldades para o avanço dessa ciência. Quanto a isso, ILari (1980) apresenta alguns motivos, como: o fato de não haver na época espaço editorial para publicação de livros que divulgassem as ideias linguísticas; pouco investimento por parte das instituições políticas no aperfeiçoamento na formação de professores; um objeto que poderia ser fundamental para o veículo das ideias linguísticas, o livro didático, por exemplo, era um instrumento muito dependente dos professores e para ser vendido precisava

conter conteúdos familiares dos docentes, como conteúdos gramaticais. Ou seja, tudo girava em torno do lucro.

Em meio a todas essas discussões para uma reconfiguração do ensino da Língua Portuguesa, como mencionado anteriormente, no final da década de 1970 e início da década de 1980, o processo de renovação começa a se iniciar, dentro outros fatores, pela publicação de livros e artigos escritos por linguistas brasileiros, e, também pela circulação de textos oficiais publicados pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (ANGELO, 2012). E, assim, a ciência linguística começa a tomar seu espaço na conjuntura educacional do Brasil.

Em meio esse contexto, destaco que a memória do ensino tradicional esteve sempre presente no ensino de Língua Portuguesa no Brasil, ou seja, as discussões quanto ao ensino da disciplina giravam em torno do ensino da gramática, sendo para defendê-la ou negá-la.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, ressalto a importância da história e da memória na produção de sentidos, a partir das materialidades discursivas sobre o ensino de Língua Portuguesa. Além disso, o caderno escolar nos possibilitou ver a forma como o ensino de Língua Portuguesa era tratada. Mesmo com algumas mudanças previstas pelo programa oficial de 1951, o ensino continuou voltado para a gramática, não acontecendo o trabalho a partir de leitura de textos, mesmo que fossem somente literários. Sendo assim, a história e a memória do ensino gramatical tradicional se materializa no discurso do corpus analisado.

Outro aspecto que se faz presente diante das análises observadas é que o Estado, a partir das políticas linguísticas educacionais, sempre esteve influenciando no ambiente escolar. Na perspectiva discursiva, as políticas linguísticas, enquanto políticas públicas que envolvem decisões sobre língua e seus usos, possuem efeitos de sentidos. A partir das leis que regulamentaram e regulamentam o ensino de Língua Portuguesa no país, percebe-se uma série de ideologias presentes. Ideologia, neste caso, enquanto conjunto de práticas. Segundo Althusser (1985), a escola é um aparelho ideológico de estado, que funciona através da ideologia. A qual tem como característica reproduzir as relações de produção, ou seja, reproduzir o que o Estado, através das políticas impõem. Por isso, há uma relação de submissão ao sistema.

## REFERÊNCIAS:

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

- ANGELO, G. L. A imagem do ensino tradicional de língua portuguesa construída por alguns documentos oficiais. In.: Inês Signorini, Raquel Salek Fiad (org.) **Ensino de língua**: das reformas, das inquietações e dos desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- BUZEN, C. A fabricação da disciplina escolar Português. **Revista Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 885-911, set./dez. 2011.
- CERVO, L.M. **Língua, patrimônio nosso**. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós- Graduação em Letras, RS, 2012
- FERREIRA, M. C. O caráter singular da língua na análise do discurso. **Revista Organon**. v.17, n. 35 - 2003
- ILARI, R. Linguística e ensino da língua. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 22, p. 19-26, 1980.
- ORLANDI, E. Exterioridade e Ideologia. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, nº 30, jan/jun, p. 27-33, 1996.
- ORLANDI, E. **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e textualidade – Pontes Editores, 2006: Campinas, SP.
- ORLANDI, E. **Análise do discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas: pontes, 2009
- ORLANDI, E. Linguagem e educação social: a relação sujeito, indivíduo e pessoa. **Revista Rua | Campinas| n. 21- v. 2| nov. 2015| p. 187-198** Brasil In: História das Idéias Lingüísticas, construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional. MT: UNEMAT Editora, 2001.
- ORLANDI, E. **Língua e conhecimento linguístico**. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- PIETRI, E. Sobre a constituição da disciplina curricular de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 43 jan./abr. 2010
- PIETRI, E. Os estudos da linguagem e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. In.: Inês Signorini, Raquel Salek Fiad (org.) **Ensino de língua**: das reformas, das inquietações e dos desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. brasileira. Tradução Eni Orlandi et al., SP: Campinas, Editora da Unicamp, 2009.[1988]
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Layola, 2004.

Artigo recebido em: 25/06/19

Artigo aceito em: 20/07/19